

Espedito Seleiro  
Artesão



// Espedito Veloso de Carvalho

# Do sertão ao mundo: a sabedoria e a simplicidade de um mestre da vida

Espedito Veloso de Carvalho cresceu entre os tons ocres do sertão nordestino. Através de um retrato esmaecido pela memória, vê a infância se perder entre as lembranças já amareladas pelo clima árido e pelo tempo. Dessa época, ainda carrega consigo as muitas mudanças aciganadas, as brincadeiras de menino, as histórias do avô e, enfim, o ofício que o tornou mestre. Entre uma brincadeira e outra, o pai o chamava para o trabalho com o couro: obrigação de criança que hoje se torna prazer e sustento.

Graças a um boi valente, Espedito não se rendeu à vida vaqueira e atinou para a sorte e para o talento. A aridez da infância não comprometeu o olhar do artista que, hoje, imprime impressões no couro, dando tons coloridos à superfície dura e monocromática. Assim Espedito faz com a vida: contorna o árduo, dá cor ao que parece opaco, amacia as superfícies áridas e transforma tudo em um produto singular, matéria de felicidade própria e dos que vivem por perto, que são muitos.

Esposa, irmão, filhos, noras, netos, todos se assemelham a uma extensão do próprio Espedito. É na família que o Seleiro vem à tona, cumprindo a missão de levar o sertão cearense para o mundo e dar continuidade a um trabalho de gerações: Antônio Seleiro, Gonçalo Seleiro e Raimundo Seleiro, respectivamente, bisavô, avô e pai, que vivem na memória de Espedito, impulsionando novas criações e reunindo toda a tradição familiar numa mestria quase atávica.

Em todos os aspectos e detalhes, Espedito parece estar continuamente cumprindo uma missão, como se houvesse algo de predeterminado em sua vinda ao mundo. Até o local escolhido para a morada tem algo de estratégico, como se a presença de Espedito tivesse algo de magnético e especial, para além da riqueza da arte produzida, atraindo pessoas do mundo todo. As gerações anteriores não esperavam que a tradição fosse transmitida com tamanha qualidade nem os cidadãos novolindenses contavam com tanto talento crescido em tão pequena redoma. Eis que os mistérios de Deus vêm à tona.

O próprio Espedito não parece ver tanto milagre na obra que constrói. Considerado

artista mundo afora, prefere a alcunha de artesão, ainda que portador de tamanho talento. Atribui todo o sucesso conquistado ao trabalho de anos: "Das 4h às 22h, às vezes deitava por cima dos couros". Apesar de trabalhar muito e com gosto, a correria do mundo não se reflete no ofício do Seleiro. O olhar de Espedito segue tranquilo, com um ar de interiorano, como se tivesse um tempo próprio, bem distante e diferente das grandes capitais.

Os títulos recebidos e a idade longeva sequer despertam um mínimo desejo de parar. A criatividade parece se recriar numa constante, quando imerso na oficina. Do auge dos 71 anos, garante: "Ainda tem muitas coisas para aparecer". Para alguns, Espedito Seleiro é o mestre da cultura, digno de reverência pela sabedoria e pela dedicação ao trabalho. Para os que podem ver, Espedito Veloso de Carvalho é mestre da vida, em todas as nuances e matices que se pode enxergar entre um mundo de muitas cores.

## Ficha Técnica

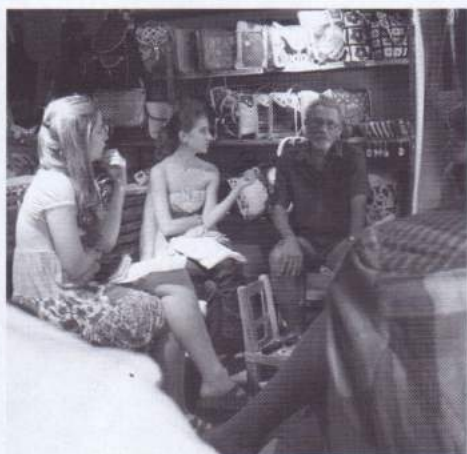
**Equipe de Produção:**  
Amanda Souto Maior  
Liana Dodt

**Texto de abertura:**  
Anna Cavalcanti

**Entrevistadores:**  
Amanda Souto Maior  
Anna Cavalcanti  
Camila Torres  
Carol Cavalcante  
Cinara Sá  
Gabriela Ramos  
George Pedrosa  
Liana Dodt  
Livia Pontes  
Raphaelle Batista

**Fotografia:**  
Leonardo Ferreira







Entrevista com Espedito Seleiro no dia 5 de junho de 2011.

**Liana** – No livro *Artes da Tradição*, de Gilmar de Carvalho (professor da Universidade Federal do Ceará), tem um texto que fala sobre a vida vaqueira, algumas histórias... Uma delas envolve o seu avô, Gonçalo Seleiro, e um boi “mandingueiro”, encantado. O senhor se lembra dessa história?

**Espedito** – (risos). Não, eu não lembro bem, mas eu vou tentar... Na época que tinha os vaqueiros, tinha os “afamados” e tinha aqueles mais “moles”. O meu avô era um dos afamados na região onde ele morava. Então, como se juntava 20, 30 vaqueiros, tudo era amigo uns dos outros e faziam brincadeiras uns com os outros. O meu avô pegou e fez uma mandinga lá com o boi pra experimentar (testar) os outros vaqueiros que eram amigos dele. “Quando for amanhã, umas sete horas, sete e meia, nós vamos estar todos aqui no pátio da fazenda e a gente vai pegar o boi fulano de tal.” Só que ele já sabia o que ele tinha feito com esse boi. Não era todo mundo que pegava. Eram uns 8 ou 10 vaqueiros (que) partiram com ele. Quando chegaram lá no campo, (saiu) tudo correndo atrás do boi. Um o cavalo caía e o outro não dava certo; o outro o cavalo endoidava. Se era de ir atrás do boi, ia atrás de outro vaqueiro, outras varredas. Como o boi já estava atrapalhado mesmo, passaram um dia todinho atrás de pegar esse boi e nada. Quando foi umas seis pra sete horas da noite, um dos vaqueiros disse: “Eu já sei o que foi que Gonçalo fez com esse boi, mas agora eu pego ele. Nem que o diabo não queira, mas eu pego.” Disse uma piadona lá e partiu atrás do boi. Como já era de noite, já apresentou uma lamparina acesa em cima do espinhaço do boi. Aí, se encandeou cavalo, com vaqueiro, com tudo e não pegava esse boi. Ficaram nessa coisa: “Amanhã eu vou pegar, depois de amanhã é fulano que vai pegar.” E ficou essa confusão todinha e findaram e nunca pegaram esse boi. Meu avô sabia o que é que tinha feito com o boi. Quando terminou as conversas todas de que o boi era mandingado, meu avô foi, chegou lá e pegou.

**Amanda** – Seu Espedito, o seu pai era meio aciganado, “não esquentava lugar”. E

o senhor nasceu em Arneiroz (município localizado no sertão dos Inhamuns), foi para Campos Sales (extremo sul do Ceará, divisa com o Piauí) e depois para Nova Roma (distrito de Tamboril, nos Inhamuns). Quando criança, como era que o senhor via essas mudanças, do seu pai sempre estar em constante viagem?

**Espedito** – A gente acostuma com a vida que a gente vive, né? Como meu pai (Raimundo Pinto de Carvalho) era acostumado a viajar e se mudar de fazenda pra fazenda, a gente ficava acostumado... Tinha uma pessoa, vizinha nossa lá, que ela se mudava tanto de um canto para o outro que as galinhas dela, quando ela tava se ajeitando pra viajar, já ficavam com os “pés pra riba” (pra cima) de um jeito para amarrar (risos de todos). Eu tava quase desse jeito, né? (risos) Como eu sou o mais velho de todos... Quando ele dizia: “Epa, Maria Pastora!”. Maria Pastora é o nome da minha mãe, Maria Pastora Veloso de Carvalho. “Maria Pastora, ajunta as malas pra nós viajarmos, nós vamos pra fazenda fulano de tal.”

**Liana** – Antes de chegar a Nova Olinda, como era a infância? O que o senhor lembra? O que costumava fazer quando criança?

**Espedito** – Olhe, criança só gosta de brincadeira, né? Como eu não tinha tempo de brincar, eu ficava fazendo sela. Na hora que meu pai estava trabalhando, eu ficava fazendo sela mais ele. Depois, na hora de brincar, eu brincava com animal. Era montar em burro brabo, jumento brabo, correndo atrás de bode, de gado... E era assim. Serviço de campo, de fazenda... Por isso que eu me acostumei a trabalhar nas selas. Agora, serviço de vaqueiro eu nunca quis. Porque era um serviço muito perigoso e eu fui experimentar uma vez e caí do cavalo, quase quebro uma costela... “Eu agora vou fazer sela, gibão, chapéu, sapato... Tudo que precisar pra um vaqueiro eu vou fazer, mas correr atrás de boi, de jeito nenhum!”.

**Lívia** - O senhor tinha quantos anos quando caiu?

**Espedito** – Eu tinha 12 anos.

Após a confirmação de Espedito Seleiro na revista, tentamos entrar em contato com ele. Na primeira vez, ele tinha viajado para Juazeiro do Norte. Na segunda, conseguimos falar com ele. Explicamos o projeto, ele agradeceu e aceitou na hora.

O professor Gilmar de Carvalho, muito atencioso, conversou com a turma sobre Espedito durante 1 hora. O trabalho do Gilmar voltado para a cultura popular cearense foi inspirador para a equipe de produção.



Enviamos dois exemplares da revista para Espedito conhecer o projeto. Por coincidência, uma das revistas tinha a entrevista da vaqueira Dina. Espedito, então, perguntou: "Você sabe quem fez o gibão da vaqueira Dina? Fui eu!"



**Gabriela** – Então, foi aí que o senhor tomou a decisão que não queria ser vaqueiro?

**Espedito** – É. Eu dei fé que não dava pra mim... Eu caí, me ralei todo e não quis mais...

**Camila** – Quando o senhor era mais novo tinha vontade de ser vaqueiro... Antes dos 12?

**Espedito** – Não, porque eu já era quase vaqueiro. Eu só não fazia era vestir couro que nem meu pai e nem pegava boi perigoso dentro das matas, mas eu corria atrás dos animais. Minha luta era ali, com bode, como eu já falei... Com tudo dentro da fazenda.

**Raphaelle** – Então, era como se fosse uma brincadeira para o senhor?

**Espedito** – Pra mim, era uma brincadeira... Quando eu montava num jumento (*que*) metia os pés pulando e eu caía, pra mim era uma novidade, eu tinha de voltar e montar de novo. "Meu filho, você me derrubou dessa vez, mas dessa agora você não me derruba não". Aí, eu terminava montando...

**Liana** – A gente sabe que o senhor estudou até a quarta série. O senhor acha que não ter tido tempo de estudar pra poder trabalhar com o seu pai foi algo que trouxe mais oportu-

nidade de pegar a prática com o couro?

**Espedito** – Se eu tivesse estudado bem, tivesse me formado... Talvez eu fosse um médico, fosse um padre, fosse um jornalista, mas como eu não estudei bem, o que eu aprendi foi o trabalho no couro, então eu fiquei no couro até hoje. Como a gente era pobre, tinha de trabalhar pra sobreviver... Aí, eu aproveitei a vontade de trabalhar com a precisão que a gente tinha de ganhar um dinheirinho e tá sendo assim até hoje...

**Carol** – O senhor falou que, quando seu pai tinha algum tempo livre, você e ele faziam selas juntos, vocês trabalhavam com o couro juntos. Mas quando foi que o senhor descobriu que trabalhar com a arte do couro era bacana, era legal?

**Espedito** – Quando eu trabalhava mais o meu pai, aquilo era uma obrigação que eu tinha, porque ele mandava. Ele dizia: "Vamos fazer isso assim porque você já está grandinho pra me ajudar..." Quando eu me apartei dele, eu já fiquei por minha conta, comecei a trabalhar. Nessa época eu já tinha uns 18 anos, mas morando no sítio, né?

**Gabriela** – Da lembrança do seu pai, o senhor lembra mais dele como vaqueiro ou como seleiro?

**Espedito** – Ele era as duas coisas numa só. Ele era vaqueiro e também era seleiro. Por quê? Naquela época, lá onde nós morávamos, só existia ele. Ele e o pai dele que eram seleiros. Então, ele tinha de fazer as selas para os vaqueiros, para ele e para os colegas dele. Nas horas que ele *tava* em casa, ele *tava* trabalhando na sela. Quando não estava em casa, *tava* no campo com o gado. Por isso que ele era seleiro e vaqueiro. Ocupou as duas vagas numa só (*pausa*) até quando ele morreu (*em 1971*).

**Gabriela** – Esse ofício foi passando por várias gerações até chegar no senhor. Tem uma máquina (*de costura que pertenceu ao*

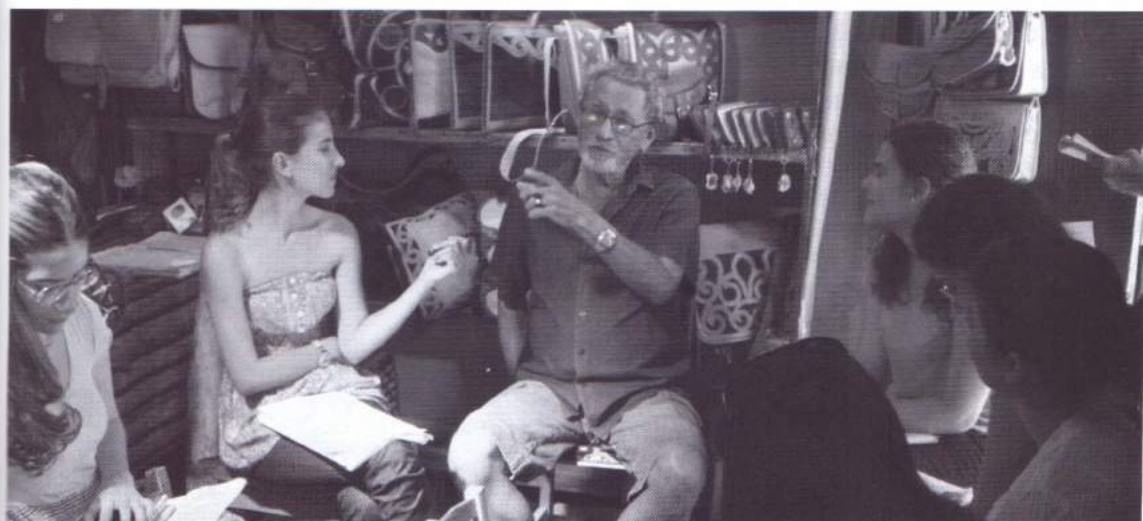
---

"Eu agora vou fazer sela, gibão, chapéu, sapato... Tudo que precisar pra um vaqueiro eu vou fazer, mas, correr atrás de boi, de jeito nenhum!"

---

Ligávamos para explicar o projeto, decidir o dia da entrevista, confirmar a viagem de produção... Quando pedimos a Espedito nomes da família para que a produção pudesse entrevistar, ele disse: "Quando vocês chegarem aqui, a gente vê isso. Tem pressa não."





Leninha, funcionária da loja, sempre atendia nossas ligações e foi uma pessoa muito importante durante o processo de produção. Ao final da entrevista, ela pediu o material escrito para guardar de lembrança.

seu bisavô, avô e pai)... É essa? (aponta para a máquina que está em um canto da oficina).

**Espedito** – Se essa máquina falasse, ela que ia contar essas histórias todinhas... Ela foi quem começou a vida do meu avô e a do meu pai. Findou com o meu pai e hoje tá comigo.

**Gabriela** – Quais as histórias dela que o senhor conhece?

**Espedito** – Meu avô trabalhava nela fazendo sela... O serviço era quase todo manual, mas algumas peças que ele precisava costurar em máquina era essa daí que costurava. Hoje, existe máquina de todo jeito, mas nessa época não existia. Ela ainda hoje está fazendo sucesso. Quando eu comprei uma mais nova, eu escondi ela, mas depois eu vi que só ela resolvia o problema... Ela está nessa idade todinha, mas não tem uma peça quebrada.

**Amanda** – Qual a importância desse ofício ser passado de geração pra geração?

**Espedito** – Isso é uma coisa que a gente faz... Por exemplo, eu quando eu comecei a trabalhar, eu não tinha nenhum plano de trabalhar pra mostrar a arte, pra mostrar a produção. Mas hoje eu comecei a conversar com as pessoas que entendem o que é cultura. Foi aí que eu fui pensar: “Puxa, eu estou fazendo uma coisa que eu nem sabia, né? Estou mantendo a cultura que é uma coisa antiga e que era do meu bisavô.” Eu estou criando – estou criando não, é Deus quem está criando uma ruma de filhos que nunca saem de perto d’eu. Todo mundo acha bom trabalhar e eu também. Então, eu também estou aqui pra tudo que vier. Então, foi couro? Chegou aqui, morreu! Não tem nenhum problema. (pausa) Porque por aí fora existe fábrica de bolsa, fábrica de calçado, fábrica de sela... Onde faz sela, só faz sela, né? Onde faz calçado, só faz calçado. Onde faz cangalha, só sabe fazer cangalha. Mas aqui é diferente. Aqui o que você chegar (pedindo) pra eu fazer, eu faço. Eu não sei se vai ficar bem feita, bonita e tal, mas que eu sei fazer, eu sei.

**Gabriela** – O senhor acha que se destaca na profissão por já vir de muito tempo, por ser uma herança?

**Espedito** – Hoje, aqui dentro dessa oficina, eu estou é no céu. Eu faço porque eu tenho bom gosto de trabalhar. Não é porque eu queira me engrandecer com nada. É só mesmo porque eu gosto de trabalhar na minha profissão. E também gosto de passar para os outros... Aqui, eu já tenho passado para muita gente... Ensinei bastante! Agora também tem isso, o pessoal pra aprender tem de começar de novo. Se não começar de *novim* assim, com 10 anos, 12 anos, ou mesmo com 8 anos... Se começar depois dos 18 anos, não aprende não. Por quê? Porque é o seguinte: às vezes, chegam umas pessoas aqui já com vinte e tantos anos e querem ganhar mais que eu. “Eu só vou trabalhar mais o senhor se eu ganhar um salário, um salário e meio ou dois salários.” Se eu vou lhe ensinar, perder o meu tempo, perder matéria-prima pra ensinar... Pra ganhar um salário alto? Não dá! Só aprende se começar de *novim*, que a gente paga pouquinho, só pra ele ir tomando gosto com a profissão... Quando ele fizer uma peça que a gente sabe que tá bem feitinha, aí pronto.

**Liana** – Na sua chegada em Nova Olinda, em 1951, o senhor tinha uns 11, 12 anos... O senhor não veio direto pra cidade, ficou um pouco na área rural. Como é que foi essa época?

**Espedito** – Foi legal! Essa época quando eu saí do sítio, da fazenda Imburana, eu saí com meu pai... Vim para o (Sítio do) Olho d’água, eu vim com ele. Quando eu cheguei no Olho d’água, eu já fiquei sem o meu pai, ele viajou (morreu). Foi quando eu comecei por minha conta. Como no sítio era muito difícil de você arrumar material pra trabalhar, eu resolvi vir aqui pra Nova Olinda... Eu cheguei aqui parece que foi em 1962... Aí, em 62 botei uma oficinazinha ali e fiquei trabalhando, foi só isso.

Para o transporte da turma até o local da entrevista, precisamos solicitar um microônibus da UFC. Gilvan, funcionário da coordenação do curso de Comunicação Social, foi atencioso e nos acompanhou durante todo o processo burocrático.



Marcamos o dia da viagem a Nova Olinda para fazer as pré-entrevistas, mas a Liana ficou doente e não pudemos viajar.

**Liana** – Como foi que o senhor e a dona Francisca se conheceram?

**Espedito** – Casamento é o seguinte: a gente não sabe a época que quer casar, nem a época que vai acontecer, né? Eu era solteiro, na época eu não pensava em casar... Mas a mulher parece que tem é um feitiço! Na hora que você vê ela, se você se agrada, pronto! Aí, não tem jeito! (risos) Porque eu gostava muito de brincar, de dançar nos forrós pé de serra, mas casar eu não tinha vontade. Não pensava em me casar, mas quando eu vi a Francisca... A gente começou a namorar, aí pronto. Passou um ano só pra se casar (casaram-se em 1961). Agora não tem mais jeito.

(silêncio)

**Espedito** – Vocês não vão me perguntar se teve festa lá no sítio? (risos)

**Gabriela** – Teve?

**Espedito** – Três dias de forró grande (risos). Cês já ouviram falar em forró de "latada"?

**Todos** – Não.

**Espedito** – A gente faz uma latada grande lá na fazenda... Coberto de folhas e chama o sanfoneiro, um sanfoneirão afamado! Aí, começa a matar galinha, e bode, e peru... O que tiver, a gente mata tudo! Como o pai da noiva tinha gosto do casamento, (ele) fez a despesa. Nós passamos três dias brincando lá no sítio.

**Carol** – Logo depois que se casou com a dona Francisca, o senhor passou por uma fase muito difícil na venda das suas peças na feira... O senhor vendia a preços baixos. Como é que foi essa fase pra vocês dois?

**Espedito** – Aí, pronto! Agora, você pegou num negócio que a gente não gosta nem de se lembrar. O que é ruim a gente deixa pra lá, né? Mas eu vou contar um pouquinho... Quando eu cheguei aqui em Nova Olinda, só era eu e ela mesmo. Aí, eu disse: "Puxa vida, agora eu vou montar a oficina aqui e cadê dinheiro pra comprar material?" (pausa) Mas Deus quando quer arrumar as coisas pra gente, fica tudo fácil. Aí, correu o boato logo... Os vaqueiros dizendo pros outros... "Chegou um menino, um "cabra" quase menino lá em Nova Olinda que ele tá fazendo umas selas, mas a sela é boa! É bonita, é segura e é boa!" Aí, pronto. "Acabou" os problemas. O cara chegava e empreitava uma sela... Era 5 contos na época... Ele me dava logo metade do dinheiro, eu comprava o material, largava as sovelas pra "ribo" mais a velha (esposa) – velha não, que ela só tinha 14 anos na época. (risos) Coragem que só! Foi assim que começou.

**Liana** – O senhor fazia as selas e ela costurava?

**Espedito** – Eu cortava as peças e furava porque ela não tinha força, porque a "bicha"



(sela) é ruim de furar, sabe? Fazia as tirinhas bem feitinhas e ela costurava.

**George** – Quando o senhor passou essa dificuldade, pensou em mudar de profissão?

**Espedito** – (pausa) Não. Pensei em trabalhar mais. Porque, quando a gente tá aperreado pelas coisas, não adianta você querer mudar... O seleiro é seleiro! Ele só sabe trabalhar em couro. Se ele for mudar, montar uma oficina pra carro ou qualquer outra coisa... Ele não vai resolver nunca, que ele não sabe nem como começar aquilo. Eu pensei: "Puxa, eu tô apertado aqui, mas eu vou é trabalhar mais." Eu começava quatro da manhã e ia até as dez da noite. Eu mais ela, trabalhando na oficina. Quando dava o sono, a gente deitava lá em cima do couro mesmo... A gente fazer o que gosta, é bom, né? Não tem preguiça! Eu fui aumentando, aumentando, aumentando, aumentando o conhecimento. Que o que vale também é o conhecimento!

(silêncio)

**Anna** – Apesar desse período, o senhor nesse tempo já reconhecia que era um artista... Talentoso?

**Espedito** – Nessa época eu trabalhava só mesmo pra ganhar o dinheiro e pronto! Não pensava em nada na vida.

Quando Amanda ligou para remarcar a data, Leninha disse: "Seu Espedito estava esperando por vocês. Hoje mesmo perguntou quando vocês iriam chegar."



**Gabriela** – Depois que o senhor já era adulto, o que a morte do seu pai representou? Quais as responsabilidades que o senhor teve de assumir?

**Espedito** – Foi onde aumentou a responsabilidade. Porque além de eu tá criando a minha família que estava crescendo, os meus irmãos eram tudo mais novos do que eu. Eu tive de ir pegar eles lá na fazenda e trouxe aqui pra dentro da Nova Olinda. Eu botei todos dentro da oficina e ensinei tudinho (*aos*) meus irmãos, nós somos seis homens e quatro mulheres. Eu ensinei a todos. Ficou tudo trabalhando comigo. Foram tudo casando e depois foram se dividindo, trabalhando nas casas deles. Ainda hoje a gente faz isso. Eles trabalham em casa. Eu faço os moldes aqui, faço o modelo, compro material, repasso pra eles e eles trazem a peça *pr'aquí*, se for aprovada a gente fica aqui pra vender. Se não aprovar... Volta pra ajeitar.

**Gabriela** – O senhor aprendeu muita coisa com ele (*pai*). E acabou assumindo um papel... Trazendo seus irmãos e ensinando o ofício. A morte do seu pai representou uma proximidade maior com eles?

**Espedito** – Foi desse jeito mesmo. Como eles eram novinhos, não tinha nem quem arumasse um trabalho pra eles. Era tudo *novim*. Eu sou o mais velho de todos. E depois *d'eu* teve três mulheres (*irmãs*). Ficaram (*os irmãos*) lá na fazenda... Nem podiam tomar de conta do gado do homem (*fazendeiro*) que eles eram de menor. Aí, eu tive de pegar eles e juntei os meus filhos com os meus irmãos tudo dentro da oficina, uma oficina só. Tudo juntinho! E eu como já era muito conhecido aqui... Nunca que faltava serviço. Aí, eu digo: "Agora vocês não vão se preocupar com nada, vocês vão trabalhar mais eu, eu vou pagar do jeito que eu pago a qualquer pessoa e nós vamos levar a vida pra não faltar o pão de cada dia..." E assim foi que nós fizemos. E eu dei graças a Deus porque foi uma coisa... Só não dei graças a Deus do pai ter morrido porque a responsabilidade dele ficou no meu espinhaço. Mas Deus mostrou um meio que deu pra levar e sobrar um pouquinho. A gente vem de uma família que é tudo unido, por isso que eu fiz isso, porque eu já tenho um "sanguim" da família.

**Cinara** – Com a morte do seu pai, o senhor assumiu a responsabilidade de seguir com a tradição da família. O senhor acha que essa responsabilidade foi fundamental para a formação do mestre artesão que é hoje?

**Espedito** – (*pausa*) Deu uma ajuda boa, não foi? (*risos*) A gente nunca pensa em crescer, a gente só pensa de escapar (*sobrevenir*). Era o que eu pensava. Aqui, eu estou trabalhando, estou ganhando o pão pra

mim, pra meus irmãos e pra meus filhos, né? Como eu sou o mais velho de todos, então eu fiquei organizando a turminha... Era tudo menino nesse tempo, o mais velho só era eu mesmo. A responsabilidade é isso! Como eles eram de menor, eu tive de fazer isso. Fiquei com a responsabilidade que meu pai tinha com eles... Aí, ficou para o meu lado. E eu fiquei mantendo e até hoje eu faço isso.

**Liana** – Toda vez que começa uma entrevista, o senhor diz assim: "Meu nome é Espedito Veloso de Carvalho, mais conhecido como Espedito Seleiro." Quando passou a ser chamado assim, a perceber que era o Espedito Seleiro?

**Espedito** – O meu bisavô era Antônio Seleiro, o meu avô era Gonçalo Seleiro, o meu pai era Raimundo Seleiro e eu Espedito Seleiro. Hoje, aqui em Nova Olinda tem um monte de seleiro. Tem uma menininha que tem quatro anos e o nome dela já é Raíssa Seleiro.

**Amanda** – É a filha do Welton (*filho do Espedito*)?

**Espedito** – É. É a menina do Welton. Tava aqui ainda agorinha... Pois é, assim é da família. É quando uma pessoa diz: "De quem esse menino é filho?" "É de Espedito Seleiro." Então, chama Welton Seleiro, Maninho Seleiro, José Seleiro... É assim que começa, né? Eu quando comecei a me entender de gente o povo já me chamava de Espedito Seleiro por causa que eu era filho de Raimundo Seleiro... É tanto que às vezes quando eu vou assinar um cheque eu boto Espedito Seleiro e vou lá e pago! (*risos*)

**Liana** – No início da carreira profissional, quando ainda trabalhava com o seu pai, o senhor tinha como foco os artigos para vaqueiros: sela, gibão, alforje, chapéu, perneira, bernal, arreio... Seus clientes eram vaqueiros, tropeiros, cangaceiros. Hoje a procura diminuiu, houve uma crise na cultura vaqueira. O senhor sente falta?

---

"Talvez eu fosse um médico, fosse um padre, fosse um jornalista, mas como eu não estudei bem, o que eu aprendi foi o trabalho no couro."

---

A viagem de produção foi tranquila, mas o tempo que tínhamos para fazer as pré-entrevistas era curto. Chegamos à casa da tia da Liana, no Crato, tomamos café e logo saímos rumo à Nova Olinda.

O jornalista Eduardo nos levou de carro até Nova Olinda. Ele acompanhou e até participou da pré-entrevista com Espedito.



Ao chegar em Nova Olin-  
da, percebemos placas de  
sinalização para a oficina  
de Espedito. Nelas, o nome  
dele sempre estava escrito  
assim: Expedito Celeiro.  
Ele nos disse que vive pe-  
dindo para que consertem  
as placas.

**Espedito** – Não. Porque eu fui bem esper-  
to, sabe? Quando diminuíram as vendas – ou  
a gente pode dizer até que acabaram, eu fui  
mudando o estilo. Eu fiz o modelo que o meu  
pai fez para os cangaceiros, que eu também  
nem sabia que o pessoal ia gostar. Mas a pre-  
cisão é que ensina o “cabra” a fazer as coisas.  
Eu tinha precisão de vender, eu tinha de pu-  
xar pela ideia pra vender mesmo, não era pra  
guardar não. Eu comecei a fazer as sandálias,  
foi onde eu aumentei mais a minha freguesia.  
Se eu tivesse fazendo sela ainda hoje, eu tinha  
que ter ido embora, não dava pra eu me man-  
ter porque a venda tá fraca.

**Gabriela** – O que encanta o senhor em  
fazer peças para vaqueiro mais do que as  
outras peças (*bolsas, sandálias, carteiras...*)?

**Espedito** – Eu acho que foi porque eu co-  
mecei fazendo sela. A primeira peça que eu  
fiz foi uma sela. E aí eu me acostumei. Se eu  
vendesse muita sela, eu não fazia outra peça.  
Porque quando eu pego um monte de cou-  
ro assim que a pessoa diz: “Eu quero uma  
sela”, pra mim já tá é feita. Quando passo a  
fazer sela, parece que o mundo se *aaabre*  
(*fala demoradamente*). É bom fazer! Mas  
eu me obriguei a trabalhar em outras peças.  
Olhe, hoje eu faço essas sandálias, eu faço  
bolsa, eu faço essas coisas não é porque eu  
gosto não. É porque eu preciso vender pra  
poder me manter. A sela eu passo quatro a  
cinco meses pra vender uma e sandália todo  
mundo sai é ligando: “Ei, Espedito, mande  
minha sandália, mande minhas bolsas...”.  
Por isso que eu parei mais, mas ainda hoje  
eu faço sela...

**Livia** – O (*seu*) estilo era igual ao que seu  
pai fazia ou o senhor foi mudando e tendo  
um estilo próprio?

**Espedito** – O bom do profissional é isto:  
é você mudar o estilo. Procurar fazer um es-

tilo diferente que outro não queira fazer, né?  
Quando comecei, eu fazia igualzinha as dele.  
Só que ele fazia aquele estilo. Ele morreu e  
acabou o estilo dele. Aí, é que eu fui mudan-  
do... Se você for fazer aquele estilo que o seu  
vizinho está fazendo... “Fulano de tal tá fa-  
zendo uma sela, o modelo dela é esse aqui.  
Então eu tenho que fazer também”. Aí, você  
tá pensando errado. Se essa menina (*aponta  
para Amanda*) tá fazendo uma sela no modelo  
dela, eu vou mudar o meu estilo, eu vou capri-  
char pra sair mais bonito, que é pra eu vender  
(*a minha*) e ela não vender a dela. Também  
aproveitei os desenhos que tem na sela. Por-  
que essas desenhadas eram a sela do patrão,  
não era a do vaqueiro. A do vaqueiro era mais  
rústica. Aí, peguei uns desenhos bonitos das  
selas e botei em cima das bolsas, por isso que  
foi um estilo diferente.

**George** – Quando faz uma sela, o senhor  
sente que está resgatando a cultura do va-  
queiro?

**Espedito** – Sinto.

**George** – É importante para o senhor  
manter essa cultura viva?

**Espedito** – É. Porque é uma coisa que, se  
eu não tivesse fazendo sela, talvez ninguém  
conhecesse o que é uma sela. Porque, quan-  
do eu comecei a fazer, aqui na região tinha  
bastante seleiro, mas tudo mais velho do que  
eu, já morreu quase tudo. Hoje, só existe um  
no Assaré (*cidade próxima, terra do poeta  
falecido Patativa do Assaré*), já está com no-  
venta e tanto anos, quase cem.

**Raphaelle** – Às vezes, o senhor fazia as  
peças e pensava: “Quando é que vão des-  
cobrir as coisas que eu faço?” Já queria re-  
conhecimento... O que o senhor já via de tão  
especial nas suas peças para querer um re-  
conhecimento bem antes dele chegar?

**Espedito** – Eu sentia que eu estava qua-  
se fazendo umas coisas que não tinha futu-  
ro. Eu pensava comigo mesmo: “Puxa vida,  
será que ninguém vai um dia me pedir algu-  
mas coisas pra eu fazer? Umas coisas mais  
difíceis, mais bonitas... Eu acho que eu vou  
morrer com esse peso...” Porque eu sentia  
que eu fazia alguma coisa pra agradar o pes-  
soal! O meu potencial não era só fazer sela,  
eu tinha de fazer mais algumas coisas... Eu  
sentia aquilo...

**Carol** – O senhor queria que outra pessoa  
chegasse para o senhor e pedisse?

**Espedito** – É, porque aquilo vai incenti-  
vando a gente. Se eu estou fazendo um cha-  
péu, você chega e me pede pra eu fazer uma  
blusa... Como eu já tenho feito muito e eu  
nunca pensei em fazer roupa pra mulher! Ou  
então você chega: “Me faça um gibão, que  
eu tô fazendo um filme assim, assim...  
Eu queria um gibão, mas diferente do gibão

---

“O seleiro é seleiro!  
Se ele for mudar,  
montar uma  
oficina pra carro  
ou qualquer outra  
coisa, ele não vai  
resolver nunca, que  
ele não sabe nem  
como começar...”

---

Não sabíamos como se-  
ria o primeiro contato com  
nosso entrevistado e com  
as pessoas que vivem com  
ele. A ansiedade da equi-  
pe de produção logo foi  
substituída pelo conforto  
da recepção amigável de  
Leninha, que nos ajudou a  
realizar as entrevistas.



do vaqueiro" (figurino utilizado pelo ator Marcos Palmeira no filme "O homem que desafiou o diabo"). Agora tá chegando do jeito que eu quero.

**Carol** – Incentivava a sua criatividade...

**Espedito** – Então! Para mim, era uma aula que eu estava recebendo. E hoje está acontecendo tudo isso!

**Livia** – Um dos incentivos que o senhor teve pra começar a fazer coisas diferentes foi a sandália do Lampião, né? Que o Alemberg (Quindins, diretor da Fundação Casa Grande, projeto que trabalha com crianças em Nova Olinda) pediu...

**Espedito** – Um dia eu estava trabalhando aqui e o Alemberg chegou e disse: "Espedito, eu queria uma sandália diferente das sandálias dos cangaceiros pra eu usar." Eu disse: "Rapaz, tu é doido? Tu vai andar com essas sandálias de cangaceiro?" Ele disse: "Não, mas eu quero." Eu não fazia na época, mas eu já tinha visto meu pai fazendo a sandália. Quando faleceu, ele deixou uma caixinha. Tinha uns moldes dentro, umas ferramentas e eu guardei. Ainda hoje parece que eu tenho algumas peças que ele deixou. Eu disse: "Pois, Alemberg, eu vou fazer uma sandália, a legítima do Lampião, só não é a mesma porque ele morreu com ela no pé! Mas eu vou fazer do mesmo jeito pra tu ver." Ele disse: "Ahhh, seu Espedito, o senhor não faz não..." Eu disse: "Faço!". Ele foi embora e eu fui no Juazeiro, comprei o material, cheguei, fiz a sandália e dei pra ele. Ele levava pelos outros países, por aí afora, por onde ele andava. Às vezes, ele estava em uma reunião e botava o pé em cima da mesa lá só pro povo ver a sandália. (risos) Pode perguntar pra ele que ele conta essa história. Parece que ele ainda tem a primeira que eu fiz pra ele.

**Liana** – Ele disse que está com um amigo dele lá em Pernambuco, essa primeira sandália, guardada toda empacotada como se fosse uma relíquia...

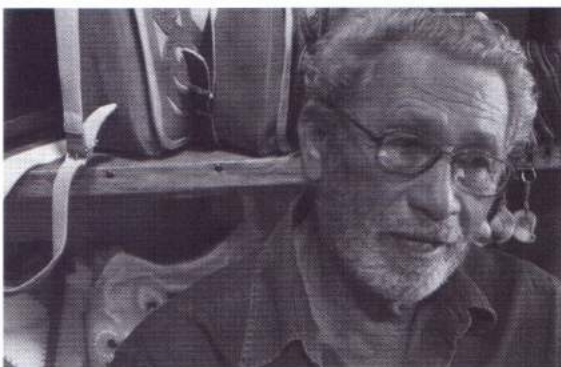
**Espedito** – Cê já perguntou a ele?

**Liana** – Perguntamos a ele onde era que tava essa sandália.

**Espedito** – Pronto, então foi pra ele. Depois que ele amostrou no mundo todim, pronto. É só encomenda, encomenda, encomenda, encomenda... Mas eu não faço muito dela não. Aqui, acolá eu faço uma ou outra. Eu faço só parecido.

**Livia** – Como é que o senhor vê um modelo tão antigo fazendo sucesso hoje? Uma sandália que há mais de cem anos as pessoas usavam, o Lampião usou e que hoje está todo mundo usando?

**Espedito** – Sim, é porque o modelo de hoje o povo já está acostumado com ele, ninguém nem liga. Você vê uma sandalhinha des-



Na oficina, conversamos com funcionários, irmão, filhos e com o próprio Espedito. Tentamos falar com dona Francisca e Cicera, esposa e filha, mas elas ficaram com vergonha e preferiram não conversar com a produção.

Fomos até a Fundação Casa Grande para conseguir o contato de Alemberg Quindins, diretor do local. Por acaso, encontramos Alemberg sentado à mesa da cantina, rodeado de pessoas, conversando sobre quem? Espedito Seleiro.



Alemberg topou na hora conversar com a gente. Já conhecia o projeto, pois foi entrevistado na Revista Entrevista nº11. O bate-papo foi bastante divertido e esclarecedor.

sa aí sua (*aponta para a chinela havaianas da Livia*), tem 8, 10 iguais a sua numa festinha que você for... (*risos*) E das minhas, só tem as minhas! Porque o serviço é ruim de fazer e não é todo mundo que sabe costurar... Eu sabia, porque já aprendi com o meu pai.

**Gabriela** – Na *Cariri Revista* (*revista idealizada por empresários de Juazeiro do Norte, edição de maio de 2011*), o senhor disse assim: “Eu me sinto como uma pessoa que tava morrendo afogada e foi puxada pra cima. Eu sentia como se tivesse uma coisa entalada dentro de mim. Eu sabia que tinha uma estrela (...)”. Agora, como é que o senhor se sente?

**Espedito** – (*O entrevistado ri envergonhado*) É assim mesmo. Eu me sentia todo amarrado no tronco, sem poder me esticar pra canto nenhum (*entrevistado abraça o próprio corpo e se encolhe*). Mas hoje eu me sinto todo soltão (*entrevistado ergue os braços e todos riem*), porque eu tô fazendo o que eu pensava. (*Mas*) ainda não chegou lá... Tem algumas pessoas que estão copiando as minhas peças. Elas estão pensando que vai ficar só nisso aqui, mas eu digo: “Deixa copiar e fazer as peças que eu faço”. Elas vão vender as delas e eu vou vender as minhas, mas, quando eu conhecer que as minhas quiserem cair um pouquinho, eu vou e levanto mais o moral delas. Eu ainda tenho coisa guardada aqui pra fazer!

**Raphaelle** – Guardada onde? No coração?

**Espedito** – É, no coração! (*risos*)

**Liana** – Uma pessoa que veio “cutucar” esse potencial foi a dona Violeta (*Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau foi uma socióloga, psicanalista e ativista política – reitora da URCA, Universidade Regional do Cariri, falecida em 2008*). Até tem uma foto dela guardada aqui (*retrato na parede central da oficina*). Qual foi a importância dela para o crescimento da sua profissão?

**Espedito** – Dona Violeta era uma pessoa que puxava muito pela gente, sabe? Porque ela era muito entendida com as coisas. Brigava comigo porque eu não fazia as coisas do jeito que ela pedia. Ela chegava aqui 10, 11 horas. Às vezes, eu tava dormindo e ela batia na porta com quatro, cinco artistas mais ela, só gente diferente, de outros países... Aí, fazia os modelos que ela pedia e tal e tal e tal... Depois eu já tava fazendo, ela não tinha mais do que reclamar...

**Carol** – Ela reclamava exatamente de quê?

**Espedito** – Ela era exigente. A gente fazia uma sandália pra ela e esses pontinhos (*traçado da sandália feito com tiras de couro*) que a gente faz aqui ela contava tudinho (*risos*). Se um pé tivesse um ponto a mais que o outro ela dizia: “Ah, Seu Espedito, isso aqui

---

“Só não dei graças a Deus do pai ter morrido porque a responsabilidade dele ficou no meu espinhaço. Mas Deus mostrou um meio que deu pra levar.”

---

tá passando!” ou “Aqui, tá faltando um, tem que fazer certinho!” Eu fui pensando naquilo e é mesmo! Se tá faltando um ponto, não tá certo, tá errado! Ela foi a minha professora!

**Cinara** – O senhor achava ruim?

**Espedito** – Não. (*risos*) Tinha dias que a gente tava sem paciência, mas o jeito que tinha era aceitar... (*risos*)

**Amanda** – E ela dava ideias para o senhor? Sugeria alguma peça, algum modelo?

**Espedito** – Dava, mas ela não sabia fazer nada não. Ela só fazia no papel (*risos*). Agora, se fizesse errado ela reclamava, não tinha jeito. Os dois que me castigavam era Alemberg e dona Violeta, era um dum lado e outro d’outro. Eu achava era bom. Que eles mandavam as ideias, né? Eu ia crescendo em cima deles sem eles darem nem fé. (*risos*)

**Livia** – A primeira bolsa que o senhor fez pra mulher, colocou logo pra vender ou foi fazendo outros modelos pra aprimorar?

**Espedito** – Fiz pra dona Violeta a primeira bolsa. Assim, bolsa feminina. Masculina, no estilo de alforjes, dessas capangas, eu fazia muito, aquelas capangas que Lampião tá usando (*aponta para o desenho na parede com Lampião e Maria Bonita*). A gente chama patuá, porque aquilo era pra encher só de bala, de munição. Eu já fazia bastante. Só que era umas coisas feionas, rústicas. Só que eu não queria saber de boniteza, queria saber se era segura. Eu digo: “Pois então eu vou fazer agora” (*pausa para beber água*). Eu tava uma noite trabalhando ali, chegou dona Violeta com uma turma de gente da Espanha. Da Espanha não, dos Estados Unidos parece. Não... Da Alemanha. Disse: “Espedito, eu vou querer que você faça uma bolsa igualzinha a essa minha aqui.” Apresentou a bolsa. A *bicha tando* fechada era bem pequeninha assim, quando ela abriu ficou um mundo

Após as entrevistas, fomos almoçar e conhecer a bela vista do Pontal da Santa Cruz, em Santana do Cariri.



“Quando eu pego um monte de couro assim que a pessoa diz: “Eu quero uma sela”, pra mim já tá é feita. Quando passo a fazer sela, parece que o mundo se *aaabre*...”

de bolsa desse tamanho (*mostrando com as mãos a dimensão*). Eu disse: “Não, essa daí eu nunca vi não.” Ela disse: “Pois você vai fazer.” Eu disse: “Eu vou tentar”. Com ela, eu não podia dizer não. Ela puxava a orelha da gente. Eu risquei o modelo no papel e ela disse: “Tem mais uma coisa, eu não vou deixar ela (*a bolsa*) aqui pra você olhar não, porque eu só tenho ela. Está cheio de objeto meu nessa bolsa.” Eu disse a ela: “Não, não precisa não. Pode ir *simbora* que eu faço.” Eu fiz e ela aprovou. Ficou bem bonitinha a bolsa. E daí pra frente, ela trazia encomenda de todo lado. Não sei onde ela arrumava tanto freguês pra trazer pra cá. E me pedia bolsa de todo jeito, às vezes ela mesma desenhava, desenhava ruim que só eu. (*risos*) Mas conhecia quando *tava* errado.

**Liana** – O senhor tinha resistência em fazer peças para o público feminino. Por quê?

**Espedito** – Eu não gostava de trabalhar pra mulher... Porque as mulheres aperreavam muito por sandália. Dizia: “Espedito, faça uma sandalhinha de couro, mas quero esse modelo...”. Eu digo: “Não, vou fazer nada pra você não!” Eu gostava mais de fazer pros homens do que pras mulheres, porque (*elas*) passam uns quatro, cinco anos com um sapato só. (*risos*)

**Cinara** – E hoje o senhor gosta?

**Espedito** – Hoje eu fui castigado, *tô* trabalhando mais pra mulher. (*risos*)

**Liana** – Foi daí que surgiu a sandália da Maria Bonita?

**Espedito** – Foi. Assim, porque, quando eu fiz a do Lampião, todo mundo gostou. Eu digo: “Agora, eu vou ter de fazer a da Maria Bonita, porque Lampião tinha uma Maria Bonita do lado dele.” Eu comecei a fazer. Em cima da primeira, eu já vou fazendo uns oito a dez modelos. Tudo é bonito, tudo é herança da Maria Bonita.

**George** – Além de criar as peças, o senhor também passa a atividade para os seus filhos. De certa forma, o senhor é um professor, um mestre. Essa é uma atividade que lhe dá prazer?

**Espedito** – Dá. É uma coisa que a gente passa o dia todinho trabalhando e parece que *tá* com uma hora. Você fazer o que gosta não é cansativo. E parece que os meninos meus gostam da mesma profissão, porque eu tenho um filho (*José Roberto*) que está com 42 anos e nunca saiu de perto *d’eu*. Anoteceu a gente *tá* tudo junto. O dia amanheceu, a gente *tá* tudo junto. A gente *tá* vendo o que aconteceu ontem, o que tem pra fazer hoje... E acho que a vida é essa. Eu pelo menos achei bom isso aí.

**George** – O senhor diria que esse trabalho em família é essencial para manter o estilo?

**Espedito** – Casa de pai, escola de filho. Se seu pai fosse vaqueiro, você também era um vaqueiro. Se seu pai fosse médico, você também ia ter vontade de ser um médico. Como sou um seleiro, meus filhos tudo me acompanharam, né?

**Gabriela** – Então, aqui não se aplica o ditado “Casa de ferreiro, espeto de pau”?

**Espedito** – É... Não acontece isso. (*risos*) A gente confia nas coisas. Acontece que eu faço uma sandália bem bonitona pra tu, mas a minha é feia que só (*apontando para a própria sandália*). É onde a gente chama “Casa de ferreiro, espeto de pau”, porque a gente trabalha pros outros. Pra gente não, se der certo, deu; se não der certo, não deu.

**Livia** – *Seu* Espedito, o senhor usa só o que o senhor faz?

**Espedito** – É, não tem jeito pra eu calçar outra (*sandália*) porque me machuca, só essa.

**Livia** – Então, o fato de seus filhos trabalharem aqui foi importante pra manter a produção da oficina?

**Espedito** – *Fooi!* Foi porque a produção, sendo familiar que nem é aqui, não vai cair nunca. Agora, você trabalhando só com gente de fora, amanhã ou depois eles se desgostam e vão embora. E a família não. Se tem uma raivinha hoje, amanhã *tá* do mesmo jeitinho. Não tem problema não.

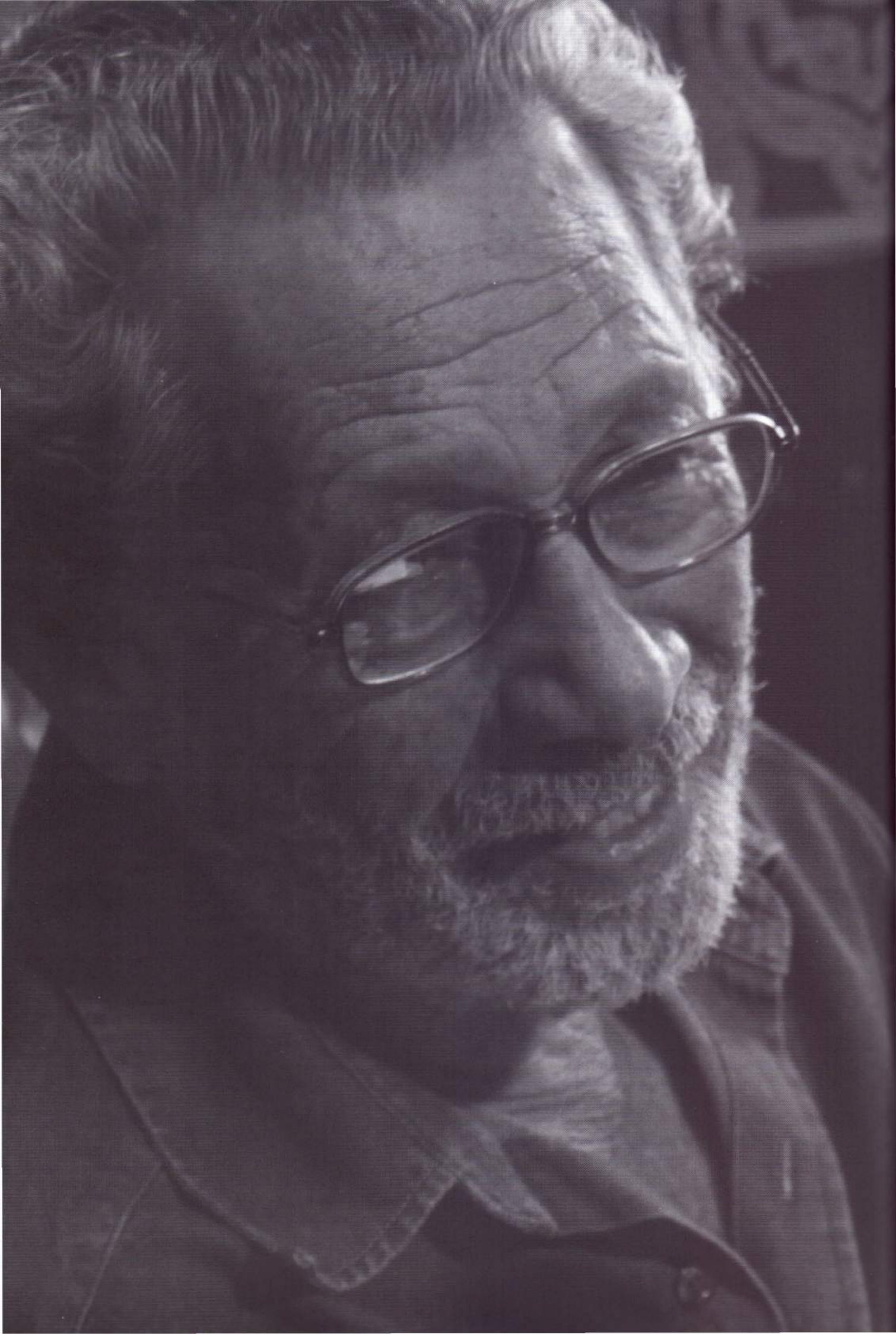
**Liana** – O *seu* Sebastião (*irmão do Espedito*) falou que o senhor é muito exigente, que só quer as coisas “ponto e vírgula”. Como é feita essa vistoria, tudo passa pela sua mão?

**Espedito** – Passa... O que mais precisa numa oficina dessa é fazer o modelo. Você fazendo o modelo, o resto está tudo pronto. Em cima daquele modelo, você faz o molde. Eu digo como é que começa e como é que vai findar. Tem uns que trabalham nas casas deles, tem outros que trabalham aqui mais eu. É assim que a gente faz.

Saimos de Nova Olinda com a sensação de dever cumprido, mas percebendo que só estava começando o trabalho de produção. Fazer a Revista Entrevista é um processo longo, mas encantador.

A reunião de pauta aconteceu no dia 2 de junho. Preparamos fotos e vídeos para falar sobre o processo de produção. Amanda e Liana estavam inseguras com relação à clareza da pauta, mas a turma foi paciente e discutiu os assuntos durante três horas.











No sábado, dia 4 de junho, a turma chegou ao Benfica às 6h30min da manhã para esperar o ônibus. Após troca de motorista e duas horas de espera, o substituto, Wellington, chegou para salvar a viagem.

**Liana** – Se alguma peça não tiver do jeito que deve ficar, o senhor descarta?

**Espedito** – É... Tem de voltar pra ajeitar e se não prestar vai pra fora. Se for grande, corta pra fazer uma pequenininha e se já for pequenininha e não der certo, joga fora.

**Carol** – Como é o seu processo criativo, o senhor desenha no papel ou desenha logo no couro?

**Espedito** – Desenho logo no couro. Eu não sei desenhar nada. Eu pego logo o couro e já faço o que eu quero e acabou.

**Raphaelle** – Sempre foi assim?

**Espedito** – Sempre foi assim. Quando eu vou fazer uma sela dessa aí (*aponta para sela exposta na loja*), eu não preciso de molde nem nada. Eu pego um compasso, uma faca de riscar e um lápis. Aí, por uma ação, eu faço a sela todinha.

**Gabriela** – E quando não dá certo?

**Espedito** – Quando não dá certo, eu fico caladinho. (*risos*)

**Amanda** – Mas o senhor tem uma ideia e já desenha no couro?

**Espedito** – É, tudo isso eu faço sozinho de noite. Quando amanhece já está tudo pronto. Por isso que eu me acostumei a acordar quatro horas da manhã, porque não tem ninguém aqui. Eu pego um papel ali e faço... Eu disse que não sabia desenhar, porque eu faço uns desenhos ruins que só. Só eu entendendo. Mas eu desenho um sapato, desenho uma sela, desenho uma jaqueta.

**Raphaelle** – O senhor mencionou que tem alguns artesãos que fazem as peças muito parecidas com as suas, como foi então que o senhor começou a assinar as peças?

**Espedito** – Acho que está com um ano só que eu comecei a *ferrar*. Eu queria *ferrar* no estilo que a gente *ferrava* gado, porque o gado a gente faz a marca. Por exemplo,

quando eu tinha gado, era um E e um S, o E de Espedito e o S de Seleiro.

**Raphaelle** – Foi o senhor mesmo que criou essa assinatura?

**Espedito** – Fui eu, fui eu. (*pausa*) Eu digo: “Puxa, agora eu vou ter de *ferrar*.” Porque as pessoas chegavam com a sandália parecida pensando que era minha. Diziam: “Olhe, Espedito, eu comprei essa sandália lá em Juazeiro e a bicha tá desapregando e tá se rasgando e tá ficando feinha”. Eu olhava e dizia: “Não, isso aí não fui eu que fiz não. Eu não trabalho com plástico.” Eles botam muito plástico. Tinham umas pessoas que teimavam dizendo que era minha, porque era bem coloridinha, ficava bonitinha e tudo. Mas o serviço não era o meu. Foi quando eu decidi *ferrar*. Eu digo... Porque quando meu pai comprava uma vaca lá no sítio, ele pegava e *ferrava* pra dizer que era dele. Então, assim eu decidi *ferrar* minhas sandálias que é pro povo saber que é minha. Se o serviço não prestar, o culpado fui eu, mas não vai mais comprar gato por lebre.

**Camila** – Cada peça sua é única?

**Espedito** – Como assim, pra eu fazer?

**Liana** – Uma não é igual a outra. O senhor sempre muda um detalhezinho...

**Espedito** – É, é. Mas tem isso. Em time que tá ganhando, a gente não mexe, né? (*risos*) Enquanto a gente está vendendo um modelo, não adianta fazer outro. Deixa o povo comprar, comprar, comprar. Quando começar a abusar daquele modelo, a gente tenta fazer outro em cima.

**Camila** – Mas o senhor se preocupa com a originalidade da peça, certo? Quando surgiu essa preocupação, veio a partir dos clientes ou era uma preocupação do senhor?

**Espedito** – Não, isso veio do pensamento da gente mesmo. Tem coisa que a gente pensa e não dá certo. Tem outras que dão certo.

**Carol** – E de onde vem essas inspirações? O senhor disse que tem umas revistas em que o senhor olha uns modelos. O que o senhor traz delas pro seu trabalho?

**Espedito** – Eu não sei trabalhar copiando. (*pausa*) Tem um monte de revista aqui que o povo manda pra mim, de todo lugar do mundo. Se eu for vender dá pra comprar um carro. Mas eu não sei. Nem sei nem gosto de trabalhar em cima de modelo de ninguém. Eu acho bom fazer o meu.

**Livia** – Mas essas revistas dão pelo menos uma ideia pro senhor das coisas que estão na moda, de estilo, de cor...

**Espedito** – Não, eu nem olho. Eu recebo, agradeço. Se for possível até dou um presente a pessoa, mas...

**George** – Então, como é que o senhor faz pra captar o gosto do público? Ou o senhor

---

“Eu me sentia todo amarrado no tronco, sem poder me esticar pra canto nenhum. Mas hoje eu me sinto todo soltão, porque eu tô fazendo o que eu pensava.”

---

Quase 12 horas de viagem serviram para aproximar a equipe. No ônibus, professor, fotógrafo e alunos puderam conversar e conhecer melhor uns aos outros.



não tem essa preocupação?

**Espedito** – Táí uma pergunta que eu vou ficar sem responder, porque o que eu penso em fazer o povo compra.

**Liana** – Mas existe um segredo, um ingrediente a mais no senhor. Porque o senhor consegue unir a tradição com a contemporaneidade, com algo mais novo. Então, o senhor agrada tanto fazendeiros, vaqueiros, quanto ao pessoal lá do desfile da Cavalera, pessoal de outros lugares.

**Espedito** – Um dia eu estava numa reunião lá em Fortaleza e tinha um professor que me fez uma pergunta. Ele disse: “*Seu Espedito, o senhor sabe porque foi que o senhor ficou famoso?*” Eu disse: “Eu nem sabia o que era isso, esse negócio de ficar famoso, não sei não.” Ele disse: “Porque o senhor conseguiu levar as peças que o sertanejo usa lá no sertão dos Inhamuns, conseguiu levar pras capitais.” Eu disse: “É, não sabia disso aí não, mas já que você tá falando.” (risos) O bom é isso aqui, né? Nós moramos no sertão e o pessoal vem das capitais e levam uma peça da gente. A gente tem muito é que agradecer a Deus. Não é nem que a gente chame atenção, é que Deus quis dar. (pausa)

**Gabriela** – O senhor preserva a técnica artesanal, que demora muito mais pra elaborar o produto. O senhor já pensou em mudar de técnica pra ver se produziria mais?

**Espedito** – Não. Porque, se você passar a trabalhar com o maquinário, pra mudar o estilo, você tem de investir muito dinheiro com máquinas. E isso já existe lá na sua Fortaleza, já tem muitas fábricas em Fortaleza, fábrica de todo jeito, em São Paulo tem, no Brasil inteiro tem. E eu, nem que eu não ganhe muito dinheiro, mas eu vou fazer o meu estilo. Quanto mais eu capricho uma peça, mais ela pede pra eu caprichar mais. É por isso que eu vendo aqui as peças que eu faço, porque eu não enxergo um montão de dinheiro. Porque existe por aí, por exemplo, uma fábrica. Tem material aqui que custa 58 reais o metro. Tem parecido que só custa 25. Eu faço uma peça com o material de 25 e você me compra no valor daquela de 58. Mas você calça e chega bem ali a *bicha tá* desaparecendo, *tá* rasgando. Eu não quero. Nem que eu não ganhe dinheiro, mas eu acho que é bom fazer pra ficar bem feito.

**George** – Quando o senhor começou a receber pedidos de outras cidades, foi aí que começou a refinar o material das peças?

**Espedito** – Foi, porque, quando eu trabalhava só aqui pra nossa região, era um serviço que não precisava *tá* quebrando a cabeça pra caprichar, procurar um couro mais bem trabalhado, porque as pessoas já eram acostumadas com aquele estilo nosso. Mas eu

sofria muito, porque às vezes chegava uma pessoa de fora e o couro tinha um mau cheiro, um cheiro forte, e eu deixava de vender as peças porque o couro não era especial. Tudo isso, com os anos que a gente tem de profissão, a gente vai pegando as bases.

**Liana** – Inclusive o senhor disse, antes da entrevista, que o couro de bode que é fabricado aqui não dava muito certo para mandar para a capital porque ele já vinha muito riscado, porque os bodes eram cercados com arame.

**Espedito** – Com arame. É, aqui existe muita criação de bode, mas o couro daqui não é muito legal não. Só por causa disso que eu não compro, porque eles são criados em cerca de arame, o arame corta o couro e quando você vai fazer a peça está todo cheio de risco. Por isso que eu compro lá fora. Tem o primeiro, segundo e terceiro (*níveis de qualidade do couro*). Como eu sou mais desaforado que todo mundo, eu compro o primeiro mesmo. (pausa) E também não tem aquele cheirão que o nosso aqui da região tem, um cheiro forte que só.

**Carol** – *Seu Espedito, o senhor sabe tratar o couro?*

**Espedito** – Quando eu comecei a trabalhar mais o meu pai era assim: a gente pegava um animal lá na roça, matava, tirava o couro, botava no curtume, curtia ele e fazia uma sela, uma alpercata, o que você quisesse fazer. Eu sei fazer, mas hoje eu não tenho mais tempo de fazer isso. Eu já inventei de fazer isso uma vez e não deu certo, só me deu prejuízo. Por isso que hoje eu estou comprando lá fora, compro em Campina Grande (*Paraíba*), em Petrolina (*Pernambuco*), no Juazeiro do Padre Cícero (*Juazeiro do Norte*), é assim. E também o mundo hoje ficou tudo pertinho da gente, tudo juntinho, é só ligar e eles trazem.

**Cinara** – Seus maiores clientes são os que vêm de fora. O senhor tem o cuidado de deixar um espaço reservado para produtos vol-

---

“Nem que eu não ganhe muito dinheiro, mas eu vou fazer o meu estilo. Quanto mais eu capricho uma peça, mais ela pede pra eu caprichar.”

---

Durante a viagem, o professor Ronaldo não conseguiu esconder certa ansiedade de estar voltando à cidade onde nasceu. Fazia quatro anos que ele não ia ao Crato.

Revista Entrevista também é história. No Crato, encontramos um ex-aluno e amigo de Ronaldo, o jornalista Henrique Silvestre, que participou da primeira edição da revista, em agosto de 1992.



No dia da entrevista, a turma acordou cedo para tomar café. Chegamos em Nova Olinda antes da hora marcada. Após cerca de 5 minutos, Espedito chegou todo perfumado. Sorridente, cumprimentou cada membro da equipe com um aperto de mão.

tados para pessoas daqui de Nova Olinda?

**Espedito** – Pra isso aí eu sempre tenho cuidado. Como eu tenho muitos anos de profissão, eu sei o que o pessoal dos Inhamuns usa. O estilo deles é um, no Piauí é outro, em Pernambuco é outro e na Paraíba é outro e aqui no Ceará é outro. Então, como eu tenho muitos anos de estrada mesmo, eu faço pra agradar a todos. Aqui eu faço de conta que eu sou um compasso, sabe? O compasso faz a rodinha aqui e tá completo, certo? Tem gente do Pernambuco, do Maranhão, do Piauí, de todo canto do Brasil, porque eu sempre conheço os estilos. Eu não faço só pra ir pra São Paulo, nem pra ir pro Rio (*de Janeiro*) nem pra ir pro Canadá, eu faço é combinando com os pedidos. Por exemplo, eu estou fazendo um monte de sapatos pra Espanha, mas o modelo é meu. O cara veio de lá e eu mostrei o sapato, ele aprovou e pediu. Se ele dissesse: “Não, eu quero assim.” Esse mesmo cara que eu estou fazendo umas peças pra ele, ele trouxe um estilo dele lá. Ele disse: “Olhe, *seu* Espedito, eu quero que o senhor faça um monte desses sapatos que é pra eu levar pra Espanha, que lá eu tenho uma loja e o pessoal compra muito desse estilo.” Ele já trouxe o molde feito. Eu disse: “Não, não vou fazer não. Eu faço o meu. Se você quiser mostrar o produto do nosso Ceará lá na Espanha, você leva o que eu faço aqui e, se não, você caça outra pessoa pra fazer, que eu não vou fazer assim.”

**Gabriela** – E pra população aqui de Nova Olinda, essas peças são caras, como é que o senhor consegue vender?

**Espedito** – Aqui a gente já tem o estilo que vende mais, o estilo mais baratinho. Essas que são mais simplesinhas.

**Gabriela** – Que é pra não perder o público aqui da cidade?

**Espedito** – É, porque a gente já sabe que eles não vão usar uma sandália bem trabalhada, uma bota dessa que a gente faz. Tem pessoa que usa, mas não é todo mundo que gosta. Eu vendo pra todo mundo. Por exemplo, hoje eu estou vendendo pro Recife (*capital de Pernambuco*). Tem uma loja lá que só quer peças bem coloridzinhas. A gente já sabe como é lá e a gente faz. Se for pro sertão dos Inhamuns – que eles me compram muito pra revenda – eu já sei que é mais simples: é a franciscana, é a calhal, é a cocota. É assim. Vende grosso, quando tem pra botar nas bancas. Vende pras quadrilhas. Essa época agora (*referindo-se ao mês de junho, em que são comemoradas as festas juninas*) é cheia de quadrilha, tem sapato de todo jeito pra fazer.

**Anna** – E pro senhor mesmo, o que o senhor prefere usar? O que acha bonito?

**Espedito** – Não, eu não tenho preferência

com nada. Às vezes, quando eu tô avexado pra fazer uma viagem, a que dá no pé “tá feito”.

**Carol** – *Seu* Espedito, uma curiosidade. O senhor está falando de sapato e tem um sapato aqui, enorme. De quem veio essa ideia de fazer um sapato de palhaço?

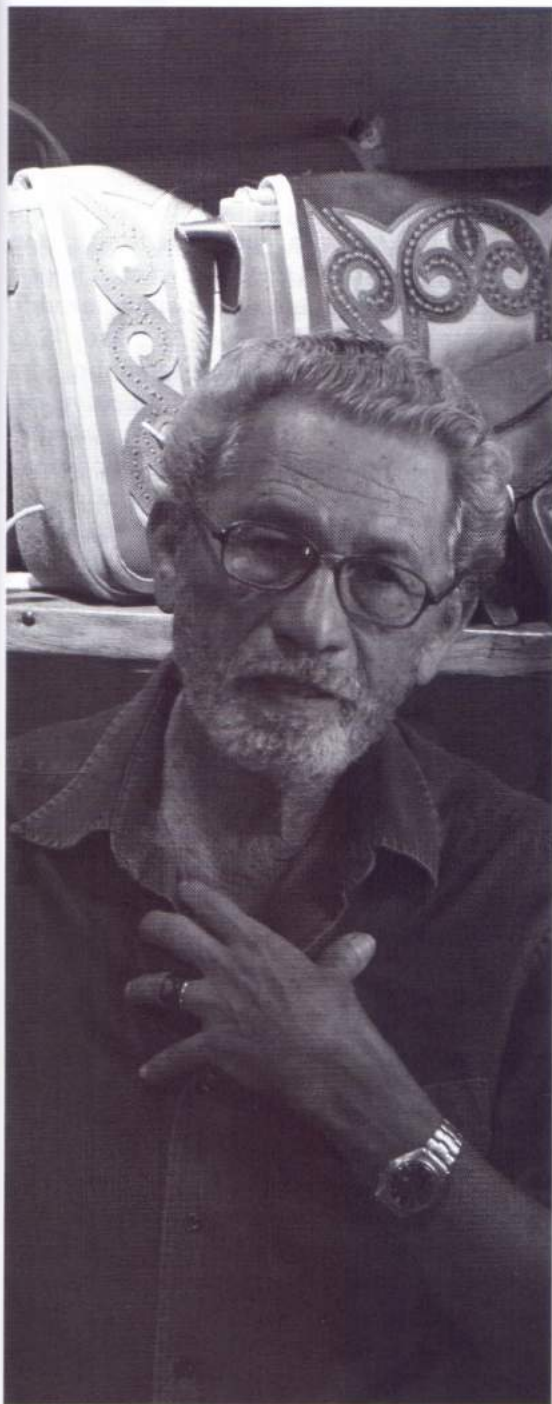
**Espedito** – (*risos*) Esse sapato eu fiz por uma brincadeira. Todo ano eu boto um estande lá na Expocrato (*uma das mais tradicionais exposições agropecuárias do Ceará realizada no mês de julho no município do Crato*). Teve um ano que eu digo: “Eu vou fazer um sapato aqui não é pra vender não, é só pra mostrar”. (*risos*) Eu fiz esse ‘paideguão’ e botei na exposição. Fiz também uma sandália desse tamanho aqui (*simula o tamanho da sandália com as mãos*). Quando cheguei lá, as primeiras coisas que eu vendi foram essas coisas doidonas (*risos*). O “cabra” disse: “Eu vou comprar pra botar lá na parede de casa, pra ficar de mostra.” Tudo o que a gente faz o povo compra. Se não dá pra uma coisa, dá pra outra.

**Cinara** – Em toda essa trajetória que o senhor seguiu, qual foi o maior desafio que já enfrentou (*no trabalho*) com o couro?

**Espedito** – Uma vez, eu peguei pesado aqui, quando foi pra eu fazer pro desfile da Cavalera (*peças elaboradas para a coleção da Cavalera no 19º São Paulo Fashion Week, realizado em julho de 2005*). O pessoal veio fazer uma pesquisa no Nordeste inteiro pra levar um artesanato lá pra São Paulo. Só que eu não sabia que era pra desfile. Eles chegaram aqui umas quatro horas da tarde. Desceram do carro seis estilistas, 3 homens e 3 mulheres. Começaram a olhar as peças e perguntar os preços. Eu vi quando ele falou para o colega: “Rapaz, o homem que a gente andava atrás é esse aqui!” Aí, ele disse: “Não, mas eu já comprei. O carro tá cheio de peça...”. (*O outro disse*): “Não, mas deixa isso pra lá.” Assim nós fizemos. Eu fiz uns desenhinhos e as estilistas estavam só olhando. Aí, eu digo: “Olhe, eu não aceito fazer nenhuma peça se você tiver um modelo. Eu não faço não. Se você aceitar os meus, você compra; se não aceitar, nada feito.” Aí, ela disse: “Não, *Seu* Espedito, tá bom assim mesmo, nós vamos fazer.” Aí, eu fiz o modelo de uma bota, ela aprovou. Eu fiz outro modelo de um chapéu, de uma bota cano longo, de uma bota de salto alto, de uma sandália. Eu fui fazendo, fazendo, fazendo, fazendo... Quando foi doze pra uma hora da noite (*madrugada*)... Nós acabamos de fechar o negócio. Eles compraram um monte de peça que eu já tinha feito e depois fizeram o pedido. Aí, (*a estilista*) disse: “Mas eu só vou dar o prazo de 40 dias para o senhor fazer essas peças”. Eu disse: “Eu não vou fazer não! Eu não tô

Todos da oficina ajudaram a organizar o local da entrevista, que aconteceu na entrada da loja. Welton foi buscar mais cadeiras para os entrevistadores e Leninha ajudou a retirar alguns móveis para que o local ficasse mais espaçoso.





“Eu tenho de zelar mais a minha profissão, que é pra amanhã ou depois, quando eu viajar pra outro lugar, ter outros pra ficar no meu lugar.”

com nenhuma precisão de fazer o meu trabalho obrigado, eu faço ele do jeito que eu quero. Eu não tô devendo a vocês não.” Ela disse: “Não, *Seu Espedito*, mas é porque é pra nós fazermos um...” Mas nada de dizer o que era... “É uma apresentação que vai ter em São Paulo e você vai ter que fazer essas peças e o que precisar pode falar que a gente tem... Tem material, tem dinheiro, tem tudo.” Eu digo: “Eu vou arriscar fazer! Só que você vai ter que trazer (*o material*)...” Aí, eu fiz a base do material e mandei Maninho (*Francisco Hermanno, filho de Espedito*) escrever no papel tudo, pedindo os materiais. Eles foram embora, quando foi com três dias, chegou o material. Aí, eu fiz as peças tudinho, juntei os meninos todos.

**George** – Como o senhor se sentiu quando foi convidado para o desfile da Cavaleira?

**Espedito** – Eu não sabia nem o que era. Depois foi que me explicaram que era um desfile muito famoso e me convidaram, pagaram a despesa para eu ir assistir ao desfile. Quando eu cheguei lá que assisti foi que eu dei fé que era...

**George** – Uma coisa importante.

**Espedito** – Era.

**George** – Mas na hora, como o senhor se sentiu?

**Espedito** – Eu achei que era uma brincadeira. (*risos*) Uma pegadinha...

**Liana** – Depois do desfile, eles (*estilistas da Cavaleira*) quiseram manter parceria com o senhor, comprar os seus produtos em grande quantidade pra colocar nas diversas lojas que eles têm. Quando foi que o senhor percebeu: “Não, eu tenho que parar por aqui porque eu não tenho produção pra isso, vou perder qualidade se eu continuar com essa parceria”?

**Espedito** – Exatamente. Como eles têm muito dinheiro, queriam que eu fizesse 600, 800, 1000 pares pra mandar pra eles, mas eu dei fé que eu não podia porque eu não tinha produção pra fazer. Já teve algumas lojas que pediram mil bolsas pra entregar em 30 dias. Como é que eu vou fazer mil bolsas pra entregar em 30 dias? Eu digo: “Não, minha filha, a gente aqui trabalha é com as mãos, não é com o computador não. (*risos*) No computador, você faz o tanto que você quiser, mas aqui não é assim não. Eu já perdi muitas vendas, porque eu não vou fazer um acordo de mil bolsas. Mil bolsas dessas daí, eu passo mil dias pra fazer. Quando chegar lá, o povo já tem perdido o gosto, não quer mais saber das bolsas.

**George** – Mas, além da dificuldade prática, o senhor acha que produzir uma quantidade tão grande de bolsas desvalorizaria o seu trabalho?

**Espedito** – Não. Era bom (*que a produção*

A loja de seu Espedito foi o local escolhido para a realização da entrevista. Havíamos cogitado fazer a entrevista em outro lugar por conta da falta de espaço na loja, mas concluímos que não faria sentido tirar o entrevistado dali.

Durante a entrevista, alguns visitantes entraram na loja e ficaram observando a conversa. Entre uma compra e outra, tiraram fotos e até filmaram o momento.



A entrevista durou quase duas horas, mas para nós pareceu bem menos tempo. Apesar de transparecer um pouco de cansaço, seu Espedito respondeu todas as perguntas e em nenhum momento perguntou se estava perto de acabar.

*fosse maior*). O problema é que não tem a mão de obra pra fazer.

**Anna** – O senhor iria preferir que tivesse mais gente para fazer o trabalho e fosse mais conhecido do que é hoje, com poucas pessoas, pouca mão-de-obra?

**Espedito** – É, se eu tivesse mais gente pra trabalhar, eu era mais conhecido ainda, vendia muitas peças. Porque as pessoas me pedem, mas eu não posso pegar algumas encomendas. Se eu for fazer um “empreito” com você de mil pares, eu vou querer ganhar dinheiro, ganhar tempo e vou diminuir algumas coisas que eu ia aplicar na sandália. Vou diminuir pra poder chegar lá. Aí, isso eu não faço. Pra não.

**Gabriela** – O senhor disse que se sente livre agora. O senhor tem vontade de expandir essa liberdade?

**Espedito** – O povo diz que a medida do “ter” nunca enche. Quanto mais cabra, mais cabrito. Por enquanto eu tô satisfeito com o que Deus me deu. A vida que eu gostaria de ter tá acontecendo.

**Lívia** – O senhor já fez peças para várias pessoas conhecidas no Brasil, como o gibão para o (*ator*) Marcos Palmeira. Tem alguma peça que o senhor tem orgulho de dizer: “Ah, essa pessoa comprou minha peça”?

**Espedito** – Não... Pra mim, tendo dinhei-

ro, tudo é igual. (*risos*) Eu não gosto de ficar falando, porque a gente tem de ser o que a gente é. Não adianta querer crescer em cima dos outros. Por exemplo, eu vendi sandália pro (*apresentador da TV Globo*) Luciano Huck. Como ele é um homem famoso, eu vou dizer: “Eu faço peça pra Luciano Huck, faço pra Marcos Palmeira, faço pra Ronaldinho (*jogador*).” Eu não. Um dia desses, chegou um “cabra” aqui quando eu estava fazendo uma bota pro Padre Marcelo. Aí, disse: “Seu Espedito, um sapato deste tamanho, pra quem é?” Eu digo: “Rapaz, isso é *prum cabra* lá de São Paulo.” (*risos*) Eu nem disse pra quem era, porque acontece que as pessoas não querem nem acreditar na gente. Pensa que é porque a gente quer se crescer. Pra mim tanto faz fazer uma sandália *prum cabra* lá da roça quanto fazer pra Padre Marcelo ou pra Ronaldinho ou pra qualquer pessoa que diz que é famosa. Pra mim não tem isso não.

**Gabriela** – O senhor tem uma preocupação muito grande de satisfazer os clientes, por mais que isso seja um trabalho difícil. Na pré-entrevista, o senhor disse que o mais difícil era fazer capa pra celular e bolsinhas pequenas. Por que essa necessidade de satisfazer os clientes, mesmo com essas peças que vão dar trabalho?

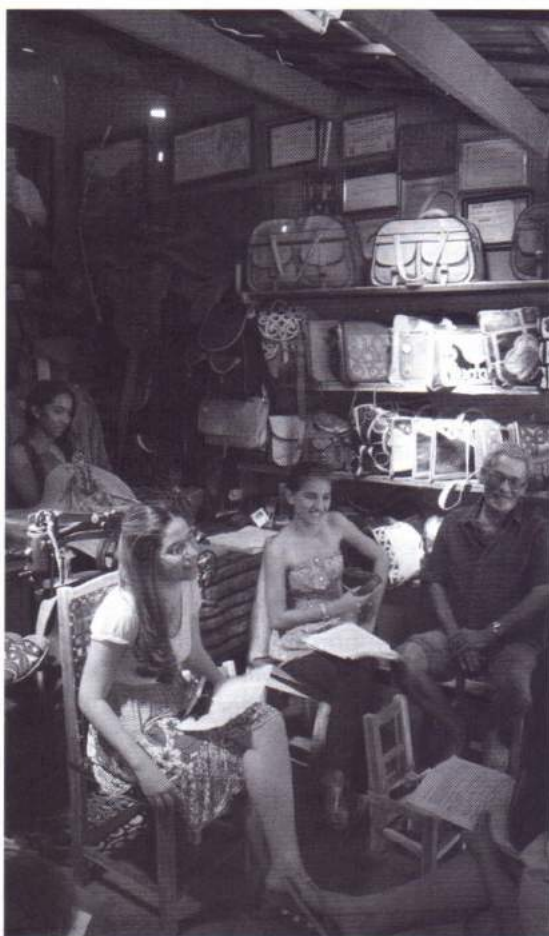
**Espedito** – A gente tem a boa vontade de servir a todo mundo. E dizer um não, eu não gosto de fazer isso. Agora, se eu puder, eu boto pros meninos. (*risos*) Eu digo: “Não, aí quem sabe fazer é Maninho ou Welton”... Mas eu não digo não. Eu acho bom dizer: “Eu vou fazer”, nem que eu não faça e ele fique com raiva depois e vá *simbora*. (*pausa*) Mas a bolsinha de celular é boa da gente fazer porque aproveita aqueles pedacinhos de couro que sobram de uma “bolsona”. No artesanato em couro, quanto mais você emenda, mais fica bonito. Caprichando, sabendo moldar, não é qualquer emenda que presta. É bom pra mim, mas eu tenho as outras encomendas. Aí, eu vou dispensando essas pequenas.

**Cinara** – Então, não teve nenhum acessório que o senhor se recusou a fazer?

**Espedito** – Não, até hoje não. (*risos*)

**Carol** – O senhor começou a fabricar esses móveis (*apontando para a mesa de centro exposta na loja*) também para satisfazer os clientes ou foi uma ideia sua?

**Espedito** – A gente faz as coisas por uma brincadeira. Pensa em fazer as coisas, faz e dá certo. A primeira que eu fiz não foi pedido não, fiz por minha conta. Esses bancos aí que vocês estão sentados, eu fiz por uma precisão. Como aqui é do lado do sol, na parte da tarde não tem quem aguente. Os meninos (*funcionários da oficina*) pegavam essas cadeiras e levavam lá pro lado da sombra.



Léo, o fotógrafo, foi muito solícito e aceitou o convite feito às pressas. Durante a entrevista, percebemos seu esforço para captar imagens nos melhores ângulos. Foram mais de 200 cliques. A luz natural que entrava na loja rendeu lindas fotografias.



Não tinha uma cadeira pro povo (*os clientes*) sentar, porque eles levavam pro lado da sombra, pra fazer as peças na sombra. E eu aqui me lascando no sol. (*risos*) Eu fiz esse "bancão", que nem passar na porta ele passa direito e eles não levaram mais porque pesa, né? (*risos*) É assim que começam as coisas. Essas pequenininhas (*referindo-se às cadeiras para criança*) eu acho melhor de fazer do que as grandes, porque quando a mãe vem com uma criancinha, ela (*a criança*) senta aí nessa cadeira e não tem jeito dela (*a mãe*) não comprar. (*risos*)

**Liana** – O Alemberg falou que na casa dele a maioria dos móveis são Espedito Seleiro. Ele teve influência no incentivo para o senhor fazer peças de decoração?

**Espedito** – Não, parece que não. Eu ia fazendo as doidices aqui, ele ia se agradando e comprando. Parece que era assim.

**Liana** – O senhor mantém a fabricação de selas, porque gosta de tê-las aqui (*na loja*) e porque algumas pessoas comprem para ser artigo de decoração... Como é que o senhor vê isso?

**Espedito** – Eu não vendo bem sela igual eu vendia quando comecei, mas eu sempre acho bom *tá* bem pertinho de uma sela. Faço uma, boto aí pra mostrar. Hoje, tem as pessoas que nem vocês que não conhecem bem a história do sertão, não sabem o que o vaqueiro usa, não sabem como é que ele vive. Eu acho bom ter pra mostrar. Mas o pessoal também gosta e compra. Aí, eu também não ligo. Eu vou, vendo, faço outro e boto aí. E são muitos modelos que eu faço, não é só um não.

**George** – O senhor reconhece que Espedito Seleiro virou uma marca?

**Espedito** – (*pausa*) Rapaz, eu não sei, mas eu acho que, mesmo que eu não queira, já está acontecendo. Eu já fiz as peças e *ferrei*. Virou uma marca, graças a Deus.

**Gabriela** – O senhor não acha que isso veio a partir do momento em que foi reconhecido como artista além de artesão?

**Espedito** – É, eu acho que sim. Quando eu passei a ser mais conhecido por aí afora, o que aconteceu foi isso mesmo. Eu tive de fazer isso por obrigação minha, pro pessoal poder achar uma diferença. Senão, iam comprar a sandália de todo mundo e dizer que era eu. Porque teve umas lojas por aí que vendiam umas peças de couro e diziam que eram minhas. Eu digo: "Pois eu vou *ferrar* agora, porque vocês estão dizendo que é minha, mas não me dão o dinheiro. Eu vou *ferrar* as minhas".

**Camila** – Por que o senhor queria que Espedito Seleiro não se tornasse uma marca?

**Espedito** – Porque o que eu acho bom é o pessoal reconhecer o trabalho da gente. Por mim, eu não ia atrás disso nunca, mas

---

**"Já que o pessoal gosta do meu trabalho e está tendo futuro, por que deixar se acabar? É isso que eu penso."**

---

como o pessoal quis, *tá* virando uma marca. Foi naturalmente.

**Livia** – Esse livro de visitas aí (*referindo-se ao livro de assinaturas que registra quem passa pela loja*), se a gente for olhar, tem nomes do mundo todo. Como é ter na oficina gente que traz uma vivência que o senhor nunca teria se não fosse pelo trabalho com o couro?

**Espedito** – Às vezes, quando eu estou conversando aqui mais os meninos, eu digo: "Rapaz, a gente tem é que se conformar porque pra nós conhecermos o pessoal não precisa sair daqui. O mundo *tá* chegando todinho aqui pra dentro de casa." Olhe, se eu não fosse eu, talvez vocês não estivessem aqui.

**Liana** – Mas existe uma dificuldade de vendas quando chega um estrangeiro e o senhor não consegue falar com ele em português, né?

**Espedito** – Vou ver se eu treino ela ali ó (*apontando para Leninha, atendente da loja*) pra aprender inglês.

**Leninha** – A maioria, eles já sabem falar português, entendem o que a gente fala.

**Espedito** – Mas tem uns que falam (*tão*) enrolado que o "cabra" fica é doído escutando.

**Leninha** – É, tem uns que são assim.

**Espedito** – Aqui *tá* precisando de umas aulas de inglês. Aqui não, na rua toda. (*risos*)

**Livia** – Apesar de vender pra outras lojas, em Recife, em Fortaleza, o senhor não sai daqui porque as pessoas vêm só pra ver a sua arte, né?

**Espedito** – É, eu não preciso sair. Por enquanto, aqui *tá* bom. Eu *tô* em Fortaleza, no Recife, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília. O meu trabalho está indo pra lá e como eu gosto de trabalhar aqui, então *tá* bom demais. Eu já dispensei algumas pessoas que quiseram entrar com máquina no local de trabalho. Eu digo: "Não, não quero não. Eu quero ficar é aqui."

**Gabriela** – E por que essa relação tão forte (*com Nova Olinda*) se o senhor se diz tão

A entrevista correu num ritmo leve. Momentos de silêncio entre as perguntas foram muito significativos.

Os aplausos, ao final da entrevista, representaram a satisfação da turma por ter conhecido um pouco a história de vida daquela figura encantadora: Espedito Seleiro.



O clima de interior encantou a todos. Após a conversa, fizemos compras e saímos cheios de sacolas.

livre mas é tão ligado à terra?

**Espedito** – O meu pai dizia que o lugar onde você enterra o umbigo você gosta de ficar até morrer. E eu acho que é mesmo. Se eu sou cearense, eu vou pra São Paulo e lá não vão querer se unir comigo, porque eu sou do Ceará. Eu já fui muitas vezes a São Paulo. Hoje eu já *tô* mais conhecido e o povo até chega pertinho da gente, fica conversando e tudo. Mas nas primeiras vezes, quando eu não era conhecido lá, o pessoal tinha era medo *d’eu*. Diziam: “Rapaz, esse cabra veio foi roubar aqui”. Acontece essas coisas, discriminação com a gente. E *tando* na terrinha da gente, tudo é bom.

**George** – O senhor é uma referência turística em Nova Olinda e mencionou que não quer trabalhar em outro lugar porque quer atrair turistas pra cidade. O senhor se sente responsável pela cidade?

**Espedito** – Rapaz, diz o pessoal que eu sou referência aqui na cidadezinha de Nova Olinda. O povo que diz, não sei se é. Mas eu me sinto bem por isso, porque, se eu fosse botar uma oficina, fosse trabalhar lá em Fortaleza, vocês não tinham vindo pra aqui não, vocês tinham ficado lá mesmo pra conversar comigo. Vocês vêm aqui porque eu estou aqui. Se vocês vão comprar uma água, vão na bodega. Se vai almoçar, vai num restaurante. Se for comprar um quilo de queijo pra levar pra sua cidade, compra bem aí. Seja lá o que for, está ajudando a cidade. Como eu sou filho daqui – eu não sou bem filho daqui, mas já tenho uma banda (*uma parte de si mesmo*) que é daqui – eu gosto de, além de ser ajudado por outras pessoas, ajudar os outros. É por isso que eu não quero sair, porque eu estou chamando um dinheirinho pra aqui e nós dividimos com a cidade todinha.

**Liana** – Inclusive, em 2009, esse reconhecimento chegou oficialmente. O senhor recebeu o título de cidadão novolindense. Teve uma

---

“Mesmo que eles deixassem acabar a tradição, o pezinho ali eu deixei feito. Se der pra crescer, cresce; se não der, acaba. O que deu pra fazer, eu fiz.”

---

Além da revista impressa, seu Espedito disse que queria as fotos e os nomes dos entrevistadores para guardar de lembrança.

missa na igreja matriz e uma festa em frente a sua casa. Qual o significado desse título?

**Espedito** – Pra mim foi uma gratificação muito boa, porque a pessoa receber uma homenagem depois que morre eu acho que não adianta nada. Então, se eles quiseram fazer essa homenagem e essa festinha pra mim, eu fiquei agradecido por isso, porque eu assisti também. Ouvi e vi. Foi bom demais, gostei!

**Amanda** – Então, ter ganhado esse título foi como se a cidade reconhecesse a qualidade do seu trabalho, já que o senhor já era conhecido em outros lugares?

**Espedito** – Eu acho que sim, porque é uma vergonha o pessoal de fora dar valor a uma pessoa daqui e o pessoal do lugar abandonar. Acho que foi por isso mesmo.

**Raphaelle** – O senhor recebeu o título de Mestre da Cultura em 2008, com registro e tudo. Mas o que faz alguém merecer esse título?

**Espedito** – Eu acho que pra ser Mestre da Cultura tem de fazer que nem eu fiz. Começar de novinho até ficar velho, trabalhando, mantendo a cultura. Por isso é que leva o nome de Mestre da Cultura.

**Raphaelle** – Mas o senhor disse que, quando começou, não tinha essa intenção de preservar uma tradição. A partir do recebimento desse título, o senhor se considera um guardião da arte do couro?

**Espedito** – É porque a gente tem de considerar que o mestre é mestre e o aluno é aluno. Como eu recebi o título de Mestre da Cultura, eu tenho de me manter sempre com aquilo que a cultura pede. É isso que eu faço. Nem aumentei, nem diminuí, porque o meu trabalho eu já fazia antes de receber esse título. Hoje eu tenho mais uma preocupação porque eu sou Mestre da Cultura. Eu tenho de zelar mais a minha profissão, que é pra amanhã ou depois, quando eu viajar pra outro lugar, ter outros pra ficar no meu lugar e passar a ser mestre também, pra nunca acabar aquela tradição. É o que eu penso.

**Carol** – É o que o senhor quer com a criação da Oficina-Escola Espedito Seleiro?

**Espedito** – É. Como eu estou ficando velho e não sei o dia que eu vou viajar, eu queria deixar uma oficina registrada no nome de Espedito Seleiro, registrada, assim: Oficina-Escola Espedito Seleiro. Porque as pessoas vão morrendo, mas a escola vai crescendo. Amanhã ou depois, quem sabe aqui em Nova Olinda não tem 100 ou 200 pessoas aprendendo com aquelas pessoas que aprenderam comigo? E já que o pessoal gosta do meu trabalho e está tendo futuro, por que deixar se acabar? É isso que eu penso. Eu queria deixar a escolinha aqui até Nova Olinda se acabar.





Quando entramos no ônibus para ir embora, vimos uma cena que chamou atenção. Seu Espedito, sentado na cadeira de balanço em frente à loja, observava sozinho a saída da equipe. Parecia esperar pela próxima conversa com visitantes.

**Carol** – Tem previsão de quando essa escolinha começa?

**Espedito** – Não. Eu fiz um projeto, eu não, os meninos da Cultura (*referindo-se a funcionários da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará*). Mas ninguém sabe se aprovou, não sei como é que tá. Pra eu fazer com recurso meu mesmo, não vou ter condição de montar do jeito que eu quero. E pra ficar fraquinho, já está.

**Lívia** – Essa oficina-escola é uma tentativa de deixar esse legado pra sua família, para que ela continue preservando o que o senhor deixou?

**Espedito** – Do jeito que eu fiz com a minha família e faço com alguém que me procure, eu queria que eles ficassem mantendo essa tradição, essa mesma vontade que eu tenho. Vão se acabando os mais velhos e continuando os mais novos. Mesmo que eles deixassem acabar a tradição, o pezinho ali eu deixei feito. Se der pra crescer, cresce, se não der, acaba. O que deu pra fazer, eu fiz. Se eu não tivesse continuado a fazer, algumas pessoas não saberiam o que era uma sela, uma cangalha, um chapéu de vaqueiro. Amanhã ou depois, não tem mais vaqueiro. Se tiver vaqueiro, não tem a sela. Se tiver a sela, não tem o gibão. Se tiver o gibão, não tem o chapéu. E mesmo que não tenha nada disso e que não exista mais vaqueiro, existem as pessoas que tão crescendo e precisam saber como foi o passado, como foi que de 51 até hoje as coisas se passaram e de 51 pra trás. Tudo isso é preciso a gente mostrar. Porque como é que você vai ser um professor e se eu lhe perguntar como é que faz uma sela – você nunca viu uma sela, como é que você vai explicar pro seu aluno, né? O que é o vaqueiro? Você também não vai saber explicar: “Não, não sei o que é vaqueiro não,

ouvi falar, ouvi meu pai falando, mas não sei o que é isso.” Pode até pensar que era um bicho que vivia por aí. E tem que ter isso aqui direto, tem que ter. Que é pras pessoas mais novas ficarem conhecendo a sela e conhecendo tudo, tudo que existe de tradição. Além d’eu precisar vender, a gente tá mostrando a cultura que se passou. Que era do meu bisavô, do meu avô, do meu pai...

**Liana** – A partir do momento que ensina a arte em couro, o senhor passa a considerar essas pessoas artistas ou apenas artesãs?

**Espedito** – Não, eu acho que são apenas artesãs, igual a mim. Já aprenderam comigo, então é tudo artesão. Agora, cada um é que vai tentar ficar conhecido igual eu fiquei, porque tem condição. Se ele aprendeu comigo e faz umas peças que eu também faço, amanhã ou depois ele não vai precisar de mim. Ele mesmo vai montar uma oficinazinha e vai poder ser um Mestre da Cultura também.

**Raphaelle** – Então, mesmo com todo esse reconhecimento, o senhor não se considera um artista, mas um artesão?

**Espedito** – É. Eu não me considero não. (*risos*)

**Gabriela** – Mas o senhor disse que queria que a sua estrela aparecesse. Ainda assim, o senhor não se vê nesse lugar, como artista?

**Espedito** – Não, ainda tem muitas coisas pra aparecer. (*risos*)

**Cinara** – E o que é que encanta o senhor na arte do couro?

**Espedito** – Todas as peças que eu faço, todas me encantam. Quando faço uma alpercata, mesmo que digam que ela ficou feia, pra mim ela ficou bem bonitinha.

**Liana** – O senhor disse que se pudesse guardava tudo o que produz, né?

**Espedito** – Se eu pudesse, se alguém me pagasse, eu tinha era um armazém todo

Fomos almoçar na Fundação Casa Grande. O local se mostrou bastante movimentado, pois estava acontecendo o Festival Ibero-Americano de Música. Com todos reunidos no refeitório, começamos a falar sobre as impressões pessoais da entrevista.



Na viagem de volta, fizemos a avaliação da entrevista. Todos puderam falar suas impressões, erros e acertos. A viagem acabou e já estávamos com saudades daqueles dois dias de convivência tão intensa.

cheio. Era fazendo e guardando. Ia ter um dia que eu ia lá só olhar. Eu tenho o maior prazer! É por isso que a gente se mantém trabalhando, porque tem prazer de fazer.

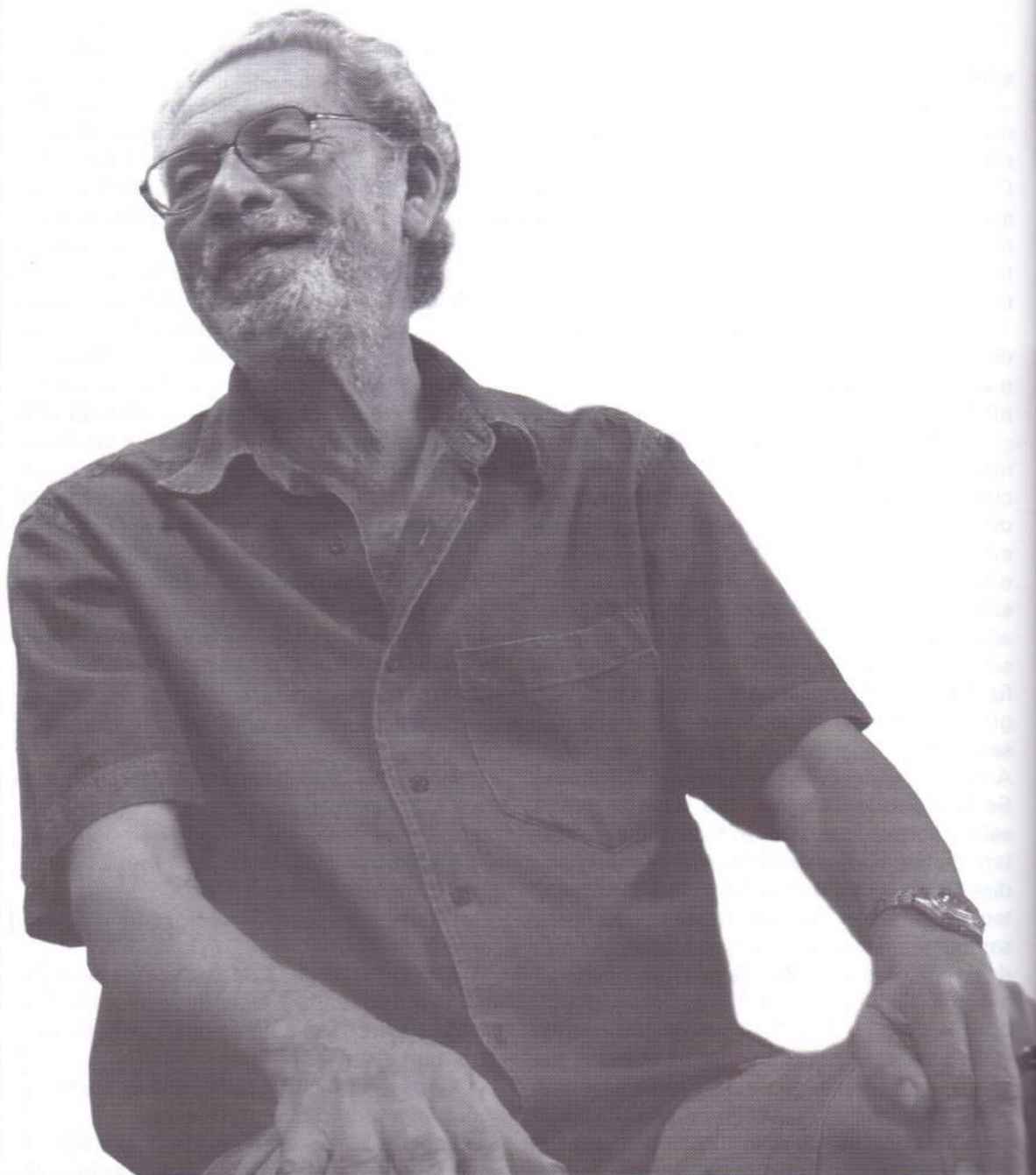
**Amanda** – Esse talento de trabalhar com o couro, o senhor acha que é um dom?

**Espedito** – Eu acho que cada pessoa tem aquele dom dado por Deus. Eu até comecei a falar que “casa de pai, escola de filho”. É uma tradição de família. Aqui eu conheço uma família que o bisavô deles era vaqueiro. Ainda hoje

os bisnetos são vaqueiros. Eu conheço uma família que é tudo doutor formado. Moram aqui vizinho. São doze filhos e doze doutores. Por isso que eu digo: a gente é o que a gente nasce.

*(palmas)*

**Espedito** – Se tiver alguma coisa que ficou errada, vocês cortem e perdoem. Eu só sei trabalhar em couro, fazer essas coisas que vocês fazem eu não sei não. Agora se você tivesse fazendo uma sandália e tivesse fazendo errado, aí eu lhe castigava.



A edição da entrevista foi trabalhosa. Amanda e Liana passaram tardes e tardes na UFC para escolher as melhores partes da entrevista. O processo foi acompanhado por olhares carinhosos do professor e amigo Ronaldo Salgado.